

**A CRÍTICA DE HUSSERL AO HISTORICISMO E A FILOSOFIA DO
WELTANSCHAUUNG EM FILOSOFIA COMO CIÊNCIA RIGOROSA**

**HUSSERL'S CRITIQUE OF HISTORICISM AND THE PHILOSOPHY OF
WELTANSCHAUUNG IN PHILOSOPHY AS RIGOROUS SCIENCE**

Karine Boaventura Rente Santos¹

Resumo

Esse texto trata da crítica ao Historicismo e à Filosofia do *Weltanschauung* realizada por Edmund Husserl no artigo *Filosofia como Ciência Rigorosa* publicado na *Revista Logos* em 1911 que endereça o distanciamento da filosofia do ideal de científico promovido pelo autor. Com esse intuito, o texto descreve a caracterização do Historicismo e da Filosofia do *Weltanschauung* realizada pelo fenomenólogo no artigo de 1911 apontando para a relação identificada de origem do modelo de filosofia das visões de mundo na perspectiva historicista da história e para as limitações e as consequências céticas da adesão ao reducionismo e ao relativismo histórico no campo das humanidades, especialmente da filosofia e da história. Através da descrição das duas vertentes teóricas, o texto identifica o fundamento da crítica de Husserl ao Historicismo e à Filosofia do *Weltanschauung* com base no ideal de cientificidade da filosofia, nas limitações intrínsecas às ciências humanas e na relação entre os dois campos do conhecimento. A crítica de Husserl ao Historicismo e à Filosofia do *Weltanschauung*, embora focada na ameaça dessas vertentes de pensamento ao desenvolvimento da filosofia enquanto ciência de rigor, permite também endereçar a relação a ser almejada pelo filósofo com a história da filosofia e da filosofia com as demais ciências humanas.

Palavras-chave: Husserl; historicismo; Filosofia do *Weltanschauung*.

Abstract

This text deals with Edmund Husserl's critique of Historicism and the Philosophy of *Weltanschauung* in the article *Philosophy as Rigorous Science* published in the *Journal Logos* in 1911, which addresses the distancing of philosophy from the scientific ideal promoted by the author. To this end, the text describes the characterization of historicism and the Philosophy of *Weltanschauung* made by the phenomenologist in the 1911 article, pointing to the identified relationship of origin of the model of philosophy of worldviews in the historicist perspective of history and to the limitations and skeptical consequences of adherence to reductionism and historical relativism in the field of the humanities, especially philosophy and history. Through a description of the two theoretical strands, the text identifies the basis of Husserl's critique of historicism and the Philosophy of *Weltanschauung* based on the ideal of philosophy as science, the intrinsic limitations of the human sciences and the relationship between the two fields of knowledge. Husserl's critique of historicism and the Philosophy of the *Weltanschauung*, although focused on the threat posed by these strands of thought to the development of philosophy as a science of rigour, also allows him to address the relationship that the philosopher sought with the history of philosophy and philosophy with the other human sciences.

Key-words: Husserl; historicism; Philosophy of *Weltanschauung*.

¹ Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Doutoranda em Filosofia (UFRGS) e bolsista (CNPQ). Email: boaventurarente@gmail.com

Introdução

Defendendo o conhecido projeto husserliano de uma filosofia científica, o artigo *Filosofia como Ciência Rigorosa*, publicado em 1911 na *Revista Logos*, analisa as novas vertentes filosóficas dentre as quais a Filosofia do *Weltanschauung* correlata do Historicismo. Aqui o Historicismo se caracteriza como tese que defende o condicionamento das realizações humanas, inclusive o conhecimento, ao contexto histórico, estabelecendo que a constante transformação da história resulta no caráter transitório e evolutivo dessas produções humanas, tese que conduz à elaboração de projeto filosófico alternativo, a Filosofia do *Weltanschauung*, que adere a esse condicionamento afirmando que cada período histórico tem como resultado uma filosofia que fornece as respostas aos problemas humanos adequadas à época de seu surgimento, substituíveis posteriormente, uma vez que essas condições se modifiquem. Nesse contexto, a perspectiva historicista é retratada como uma ameaça ao desenvolvimento científico da filosofia porque sua orientação teórica falseia ou nega o ideal de conhecimento plenamente justificado a ser aplicado ao projeto filosófico husserliano – ora afirmando a possibilidade de fundamentação científica da filosofia e das demais humanidades mediatamente a partir das ciências particulares, ora questionando a possibilidade de produção de conhecimento válido de maneira incondicionada, dado o contexto histórico que perpassa a formação do saber. Além da análise dos equívocos teóricos presentes na vertente historicista e do conflito dela com o projeto de uma filosofia científica, o fenomenólogo delinea as consequências céticas da adesão ao reducionismo e relativismo histórico intrínsecos a essa orientação teórica, explicitando que a negação ou desconsideração da esfera ideal aplicada ao conhecimento ali presente conduz à absolutização da manifestação fática para a validação do conhecimento, induzindo ao questionamento da validade absoluta de qualquer proposição, inclusive daquela relativa aos princípios fundamentais.

Este artigo pretende apresentar a descrição e a crítica do fenomenólogo ao Historicismo e a Filosofia do *Weltanschauung* no contexto do argumento geral da obra *Filosofia como Ciência Rigorosa* e na contribuição dessa análise para fenomenologia husserliana em geral. Com esse intuito, o texto se dirige em primeiro lugar à tematização da vertente historicista, conforme a perspectiva descritiva e crítica do fenomenólogo, destacando a formação de um novo paradigma epistemológico, o qual seria fundamento para o projeto historicista de filosofia em que se apresentam o reducionismo e a redefinição dos limites de competência da história alheia à limitação de sua natureza enquanto ciência da factualidade meramente empírica. Legado que se torna tema no estudo da própria Filosofia do *Weltanschauung* com a expressão do relativismo histórico no campo filosófico em que a redução do conhecimento ao presente,

na sua manifestação factual, transforma em única métrica possível da validade de uma teoria a adesão dada em determinado período histórico e, por conseguinte, relativiza aquilo que se considera válido por meio da variante do momento de concepção da teoria, não de seu conteúdo. Por fim, o artigo se dirige à crítica de Husserl ao Historicismo e à Filosofia do *Weltanschauung*, destacando aspectos considerados relevantes para a reflexão fenomenológica para além do contexto de *Filosofia como Ciência Rigorosa*, tais como a relação entre o filósofo e a história da filosofia, a ameaça do reducionismo e do relativismo histórico para as humanidades em geral, principalmente a filosofia, e a contraposição dos valores intrínsecos à filosofia como ciência de rigor e a sua concepção como sabedoria de caráter transitório e aplicação prática.

1 - A perspectiva do Historicismo acerca da possibilidade do conhecimento humano

O Historicismo é descrito em *Filosofia como Ciência Rigorosa* como a aplicação da teoria evolucionista aos dados disponíveis sobre a facticidade histórica e a construção das realizações humanas que tem como resultado uma interpretação factual evolucionista das humanidades. A partir da letra de Dilthey, Husserl (1987, p. 42) assinala que a perspectiva historicista aplica a teoria da evolução à crescente informação acerca das realizações culturais humanas para concluir, com base nas frequentes transformações fáticas dessas realizações, o caráter intrínseco de constante progresso do conhecimento humano. Tratando do Historicismo, o fenomenólogo explicita que a aplicação da teoria evolucionista para caracterização do conhecimento humano como em constante transformação considera esse campo de realizações apenas como realizações culturais que surgem, permanecem e declinam ao longo da história, sem levar em consideração os valores intrínsecos às ideias, independentemente da sua formulação factual ou da adesão a elas na história (Husserl, 1987, p. 43). Nesse sentido, o erro consiste em ignorar que “fatos históricos do desenvolvimento, mesmo os fatos mais gerais do desenvolvimento dos sistemas em geral, podem ser boas razões, mas razões históricas podem apenas ter consequências históricas” (Husserl, 1987, p. 45, tradução própria²), exemplificado quando se considera que “o matemático não recorrerá à história para obter instruções sobre a verdade das teorias matemáticas; não lhe ocorrerá relacionar a evolução das noções e dos juízos matemáticos [na história] à questão da verdade” (Husserl, 1987, p. 44). Dessa maneira, nota-se que a aplicação da teoria evolucionista às humanidades ocorre por meio da negação ou da suspensão do valor intrínsecos às realizações humanas enquanto ideias e da interpretação da facticidade dessas realizações como evidência suficiente da sua possibilidade e validade.

² “Historische Tatsachen der Entwicklung, auch allgemeinste der Entwicklungsart von Systemen überhaupt, mögen Gründe, gute Gründe sein. Aber historische Gründe können nur historische Folgen aus sich hergeben”.

Além do estudo das premissas, o tratamento do Historicismo lida com a consequência da adesão a essa leitura da história que atribui às produções humanas o caráter de constante evolução presente na humanidade enquanto espécie, *i. e.*, o ceticismo histórico absoluto. Analisando a interpretação das ciências humanas conforme a perspectiva historicista em que essas ciências são caracterizadas como realizações culturais motivadas por determinadas circunstâncias históricas, o valor absoluto de qualquer enunciado das humanidades pode ser questionado a partir da constatação da transformação das circunstâncias históricas que determinam a sua formação (Husserl, 1987, p. 42). Como consequência da radicalização desse posicionamento, o fenomenólogo aponta que os princípios científicos e, conseqüentemente, as ciências em geral são afetadas dado que há uma suspensão da validade dos princípios lógicos e dos conteúdos das ciências objetivas pela consideração da manifestação empírica desses conhecimentos na trajetória histórica do espírito em que eles aparecem enquanto fatos relativos a um dado contexto histórico e passíveis sempre de atualização (Husserl, 1987, p. 43-45). “As ideias de verdade, teoria e ciência perderiam a sua validade como todas as demais ideias”, conclui Husserl (1987, p. 43, tradução nossa³), “não haveria validade não qualificada, validade em si mesma, que se constitui assim ainda que ninguém a tenha alcançado e que nenhuma humanidade histórica venha a alcançá-la”. Conseqüentemente, o fenomenólogo identifica o ceticismo radical como consequência da posição historicista dado que, com base na crença de evolução intrínseca à história e à vida espírito, o Historicismo defende a suspensão da validade absoluta de qualquer ideia.

No tocante à filosofia, o Historicismo é questionado por Husserl acerca da capacidade de uma teoria de natureza histórica responder de modo fundamentado sobre a validade dos sistemas filosóficos na primeira parte do ensaio *Historicismo e a filosofia do Weltanschauung*. A partir do pensamento de Wilhelm Dilthey, Husserl (1987, p. 42 - 43) descreve o Historicismo como uma teoria em que o conflito fático dos sistemas filosóficos na história da disciplina serve como fundamento para a negação do valor absoluto das conquistas teóricas desses sistemas e da possibilidade de obtenção desse valor àqueles que estão por vir. O fenomenólogo esclarece que as pretensões de fundamentar no desenvolvimento fático dos sistemas filosóficos a suspensão de validade desses sistemas, a impossibilidade futura do surgimento de algum sistema provido de valor absoluto e, meramente, a avaliação do valor científico dos sistemas até então desenvolvidos não podem ser cumpridas, por princípio, no campo da história, mas,

³ “Die Ideen Wahrheit, Theorie, Wissenschaft würden dann, wie alle Ideen, ihre absolute Gültigkeit verlieren. [...] Gültigkeit schlechthin oder "an sich", die ist, was sie ist, auch wenn niemand sie vollziehen mag und keine historische Menschheit sie je vollziehen würde, das gäbe es nicht”.

sim, no da filosofia em seu viés autocrítico (Husserl, 1987, p. 44-46). Aqui a conclusão historicista da impossibilidade da realização de uma filosofia científica com base em um passado da disciplina é qualificada como “[...] não só errônea porque uma conclusão fundada em poucos milênios de cultura superior em relação a um futuro ilimitado não seria uma boa indução, como errônea enquanto absurdo absoluto, como $2 \times 2 = 5$ ” (Husserl, 1987, p. 45, tradução nossa⁴). Em outras palavras, a sentença do Historicismo acerca da ausência no passado e da impossibilidade futura de uma filosofia de valor absoluto e, portanto, científica está fundamentada equivocadamente porque retira da facticidade consequências ideais acerca de validade e de possibilidade.

Quem quer que negue um determinado sistema e, igualmente, quem quer que negue a possibilidade ideal de um sistema filosófico, deve apresentar razões. Os fatos históricos do desenvolvimento, mesmo os fatos mais gerais do desenvolvimento de sistemas em geral, podem ser boas razões. Mas razões históricas só podem dar origem a consequências históricas. [...] De acordo com isso, a história não pode argumentar nada relevante contra a possibilidade de conhecimento absoluto em geral, e especialmente contra a possibilidade de um absoluto, ou seja, a metafísica científica e outras filosofias. Mesmo a afirmação de que não houve filosofia científica até o momento nunca pode justificá-la como história, ela só pode justificá-la a partir de outras fontes de conhecimento, e estas já são abertamente filosóficas. Pois é claro que a crítica filosófica, na medida em que pode realmente reivindicar validade, também é filosofia e, em seu sentido, implica a possibilidade ideal de uma filosofia sistemática como uma ciência rigorosa (Husserl, 1987, p. 44-45, tradução nossa⁵).

Tratando do equívoco acerca do estabelecimento de juízos sobre verdade e validade baseados na facticidade histórica, o Historicismo se caracteriza pela ultrapassagem dos limites da capacidade da história enquanto disciplina e simultaneamente pela negação da esfera ideal. Casement (1988, p. 232) expressa o entendimento de que a crítica de Husserl está centrada na má compreensão acerca da esfera pela qual a história como ciência de fatos pode responder, pois há no Historicismo a inclusão da capacidade de avaliação da possibilidade futura de realização científica de uma disciplina e de julgamento da validade de uma teoria com base no desdobramento fático que materializa essas realizações humanas. Em contraponto com a

⁴ “[...] ist nicht nur darum verkehrt, weil ein Schluss von den paar Jahrtausenden höherer Kultur auf eine unbegrenzte Zukunft keine gute Induktion wäre, sondern verkehrt als ein absoluter Widersinn, wie $2 \times 2 = 5$ ”.

⁵ “Wer ein bestimmtes System leugnet, nicht minder, wer die ideale Möglichkeit eines philosophischen Systems überhaupt leugnet, muss Gründe beibringen. Historische Tatsachen der Entwicklung, auch allgemeinste der Entwicklungsart von Systemen überhaupt, mögen Gründe sein. Aber historische Gründe können nur historische Folgen aus sich hergeben” [...] Die Historie kann danach wie gegen die Möglichkeit absoluter Gültigkeiten überhaupt, so im besondern gegen die Möglichkeit einer absoluten, d. i. wissenschaftlichen Metaphysik und sonstigen Philosophie nichts Relevantes vorbringen. Selbst die Behauptung, dass es bisher keine wissenschaftliche Philosophie gegeben habe, kann sie als Historie nimmermehr begründen, sie kann es nur aus anderen Erkenntnisquellen begründen, und das sind offen bar schon philosophische. Denn es ist klar, dass auch philosophische Kritik, sofern sie wirklich auf Gültigkeit Anspruch erheben soll, Philosophie ist und in ihrem Sinne die ideale Möglichkeit einer systematischen Philosophie als strenger Wissenschaft impliziert”.

vertente historicista, a determinação correta do campo de atuação da história enquanto estudo da facticidade seria aquela em que “o enunciado mais forte que o historicista poderia emitir seria que durante um determinado período de tempo um determinado povo acreditou que uma determinada teoria fosse falsa [ou fosse verdadeira]” (Casement, 1988, p. 232, tradução própria⁶). Conforme a perspectiva do autor, os enunciados acerca da verdade e da possibilidade que o historicista pretende estabelecer a partir de uma leitura dos fatos estão disponíveis apenas na esfera das essências, esfera que o Historicismo não reconhece e, por conseguinte, nega aquilo que nela se fundamenta diante da limitação do seu próprio campo de ação e não de uma determinação inerente ao objeto investigado (Casement, 1988, p. 232 - 233). Assim, o Historicismo interpreta ceticamente as realizações do conhecimento ao negar ou ignorar a dimensão puramente ideal e ao afirmar a esfera fática dos acontecimentos históricos como via substitutiva para responder às questões de verdade e validade.

2 - A filosofia como sabedoria efêmera no projeto de Filosofia do *Weltanschauung*

Dada a conclusão acerca da impossibilidade de alcance de valor absoluto pela filosofia na visão historicista, a chamada Filosofia do *Weltanschauung* surge uma como alternativa que se caracteriza como fundamentada cientificamente de modo mediado e de validade qualificada. Considerando o seu status científico, a Filosofia do *Weltanschauung* aparece como relacionada com as ciências positivas não apenas por preservar a validade dos conhecimentos por meio delas obtidos, mas, também por utilizar desses conhecimentos na sua própria fundamentação para obter a qualificação mediata de ciência (Husserl, 1987, p. 47-48). Além de fundamentada mediatamente, a Filosofia do *Weltanschauung* se define como de natureza ideológica porque a disciplina aparece como resultado parcial do processo coletivo de evolução da vida intelectual humana caracterizado como uma forma superior de experiência virtuosa que resulta em sabedoria e que se torna filosofia quando organizada por meio da lógica (Husserl, 1987, p. 48-49). A filosofia compreendida como resultado desse processo de evolução da vida intelectual humana permaneceria em constante mudança e seria compreendida em seu conteúdo como a resposta temporária aos problemas filosóficos e práticos relativos à existência, de maneira que cada formulação histórica seria superada posteriormente por uma outra resposta formulada em um nível mais elevado de entendimento sem que uma anule a outra porque coexistem como válidas em relação ao período de seu surgimento (Husserl, 1987, p. 50). Nesse sentido, a definição husserliana acerca do surgimento da Filosofia do *Weltanschauung* abarca aspectos

⁶ “[...] the strongest claim the historicist is capable of making is that during a particular period of time a particular people believed a particular theory to be false”.

provisórios, progressivos e práticos, concebidos por essa perspectiva filosófica, como elementos factíveis e desejáveis da disciplina.

Surge uma filosofia do *Weltanschauung* que nos grandes sistemas dá relativamente a resposta mais perfeita aos enigmas da vida e do mundo, *i. e.*, traz à resolução e ao esclarecimento satisfatório da melhor maneira possível as inconsistências teóricas, axiológicas e práticas da vida que a experiência, a sabedoria, a mera visão do mundo e da vida só imperfeitamente podem superar. A vida espiritual da humanidade, no entanto, com a sua plenitude de formações sempre novas, novas lutas intelectuais, novas experiências, novas avaliações e objetivos, continua a progredir; com o horizonte alargado da vida, no qual todas as novas formações espirituais entram, a cultura, a sabedoria e *Weltanschauung* mudam, a filosofia muda, ascendendo a picos cada vez mais altos (Husserl, 1987, p. 50, tradução própria⁷).

A despeito da pretensão científica do Historicismo e da Filosofia do *Weltanschauung*, essa vertente de pensamento é entendida como oposta ao desenvolvimento de uma ciência filosófica dada a distinção entre a filosofia formada enquanto sabedoria e enquanto ciência.

Nesse tocante, o fenomenólogo observa que, historicamente, foi desconsiderada a distinção entre a formação de uma filosofia ideológica, entendida como sabedoria, e a constituição de uma filosofia científica rigorosa. A primeira corresponde à realização de um objetivo finito, mutável e passível de ser atingido no decurso de uma vida humana. A segunda, por sua vez, refere-se à assunção de uma tarefa infinita, eterna e colaborativa, na qual cada indivíduo participa modestamente, contribuindo para com um objetivo comum, sempre perfectível, embora irremediavelmente inalcançável em sua totalidade (Husserl, 1987, p. 51-52). Por isso, é impossível que uma filosofia de caráter ideológico, considerando suas inclinações técnicas, éticas e práticas orientadas por horizontes de curto prazo, possa conduzir, como resultado, ao desenvolvimento integral de uma ciência plenamente fundamentada, tal como se espera da filosofia científica (Husserl, 1987, p. 53 - 54).

Além dos seus objetivos e motivações, essas formas de conhecimento também se distinguem em relação as suas formas de fundamentação. A filosofia científica é conduzida pelo rigor na construção de conhecimento, independente do viés prático (Husserl, 1987, p. 54 - 55). A sabedoria, denominada filosofia ideológica, funda-se majoritariamente em aspectos alheios ao teórico, de natureza prática ou estética (Husserl, 1987, p. 53 - 54). Conforme o exposto,

⁷ “Es erwachst eine Weltanschauungsphilosophie, die in den großen Systemen die relativ vollkommenste Antwort auf die Rätsel des Lebens und der Welt gibt, nämlich auf die bestmögliche Weise die theoretischen, axiologischen, praktischen Unstimmigkeiten des Lebens, die Erfahrung, Weisheit, bloße Welt- und Lebensanschauung nur unvollkommen überwinden können, zur Auflösung und befriedigenden Klärung bringt. Das Geistesleben der Menschheit mit seiner Fülle immer neuer Bildungen, neuer Geisteskämpfe, neuer Erfahrungen, neuer Wertungen und Zielgebungen schreitet aber weiter; mit dem erweiterten Horizont des Lebens, in den all die neuen Geistesgestaltungen eintreten, an dem sich Bildung, Weisheit und Weltanschauung, ändert sich die Philosophie, zu höheren und immer höheren Gipfeln emporsteigend”.

Husserl (1987, p. 56 - 57) afirma que a filosofia ideológica não se mostra como uma realização provisória das respostas a serem obtidas na ciência filosófica e discorda que o exercício dessa forma de pensamento seja até mesmo um caminho viável para a construção de uma filosofia científica, visto que a manutenção dessa forma de conhecimento fomenta o isolamento da reflexão filosófica sobre os fatos e a disputa entre diferentes interpretações deles. Em suma, a filosofia em seu viés ideológico se limitaria às discussões fáticas dos problemas contemporâneos tornando impossível buscar as respostas eternas, cumulativas e internamente coerentes de um projeto filosófico de rigor científico.

O fenomenólogo conclui sua reflexão apontando as diferenças inconciliáveis entre o projeto de filosofia alinhado ao pensamento historicista e aquele projeto por ele proposto em que se aplica o ideal de cientificidade à disciplina ao invés da concepção ideológica criticada. Husserl (1987, p. 57 - 58) se opõe novamente à associação da filosofia ideológica ao projeto científico da disciplina apontando que a literatura pseudocientífica presente na primeira acaba por confundir aqueles que tentam realizar o projeto de uma filosofia científica, logo impedindo o surgimento de uma doutrina filosófica pura. Para o fenomenólogo, a associação entre o projeto ideológico e o científico da filosofia ignora o contraste acima tratado entre, de um lado, uma sabedoria como realização individual transmitida entre pessoas que está voltada fins práticos, e, do outro, uma ciência resultante do talento teórico coletivo que trata de valores eternos (Husserl, 1987, p. 58-59). Nesses termos, o obscurantismo surge como um elemento a ser superado no interior da filosofia, como ocorrerá nas demais ciências, dada a sua vinculação à sabedoria em oposição à clareza científica, visto que essa profundidade representaria a manutenção das intuições infundadas e incoerentes entre si no interior de uma disciplina com o prejuízo do seu desenvolvimento enquanto constituída por formulações racionalmente inequívocas e internamente coerentes (Husserl, 1987, p. 59). Desse modo, a única relação possível entre a filosofia ideológica e a filosofia científica seria a de uma transição entre a sabedoria e o conhecimento fundamentado em que os conteúdos da disciplina se tornam plenamente fundamentados, impessoalmente transmissíveis e cientificamente claros.

Ambos têm suas diferentes fontes de valor, eles também têm suas diferentes funções, suas diferentes maneiras de trabalhar e ensinar. A Filosofia do *Weltanschauung* ensina da mesma forma que a sabedoria em que uma personalidade se dirige a outra. O ensino no estilo de tal filosofia só pode, portanto, ser dirigido ao círculo mais amplo do público por aqueles que são chamados a fazê-lo por um caráter e uma sabedoria próprios particularmente significativos ou como servidores de altos interesses práticos - religiosos, éticos, legais e outros. A ciência, entretanto, é impessoal. Seu colaborador não precisa de sabedoria, mas de talento teórico. O que ele contribui enriquece um

tesouro de habilidades eternas, que deve ser uma bênção para a humanidade. (Husserl, 1987, p. 59, tradução própria⁸).

A ameaça da perspectiva acerca do conhecimento humano presente na filosofia do *Weltanschauung* se reflete não apenas na formação de uma filosofia de natureza científica, mas também na possibilidade de validade absoluta diante da perspectiva de constante mudança. Tratando dessa temática, Moran (2019, p. 101) destaca que o posicionamento da Filosofia do *Weltanschauung* poderia conduzir à impossibilidade de entendimento entre diferentes eras históricas a partir do confinamento de cada uma dessas visões de mundo ao paradigma que lhes é correspondente e ao questionamento da própria noção de validade absoluta dado que cada visão de mundo é provida de validade ainda que haja um conflito entre as perspectivas que sucedem umas às outras. O autor aponta que há uma interpretação errônea na Filosofia do *Weltanschauung* que induz da sucessão fática de diferentes visões de mundo seu fundamento para o questionamento da possibilidade de validade absoluta do conhecimento humano e para a defesa da noção de validade condicionada em que diferentes teorias científicas seriam igualmente válidas consideradas em seu determinado momento histórico (Moran, 2019, p. 102). “Husserl está preocupado que o Historicismo enfraqueça a própria ideia de validade objetiva, um conceito necessário para o ideal de filosofia em si mesmo”, afirma Moran (2019, p. 102), porque na perspectiva historicista “uma ideia ter validade significaria simplesmente que ela foi uma produção factual de um momento particular na vida do espírito”. O caráter desnorteador da Filosofia do *Weltanschauung* para o projeto de ciência se estende para além do horizonte da filosofia com o questionamento da noção de validade absoluta, impacto que será tratado posteriormente por meio da qualificação dessa vertente enquanto forma de relativismo.

3 - A crítica de Husserl ao Historicismo e à Filosofia do *Weltanschauung*

Considerada a descrição realizada pelo fenomenólogo da perspectiva do Historicismo e da filosofia do *Weltanschauung*, o texto se dirige à crítica realizada pelo autor a essa leitura da história e das realizações humanas em relação projeto por ele defendido de ciência rigorosa. Com esse intuito, a última seção desse artigo destaca três aspectos da crítica ao Historicismo à Filosofia do *Weltanschauung* realizada pelo autor em *Filosofia como Ciência Rigorosa*: 1) a

⁸ “Und wie beide ihre verschiedenen Quellen des Wertes haben, so ihre verschiedenen Funktionen, ihre verschiedenen Weisen, zu wirken und zu lehren. Die Weltanschauungsphilosophie lehrt, wie eben Weisheit lehrt: Persönlichkeit wendet sich an Persönlichkeit. Lehrend darf sich daher im Stile solcher Philosophie an den weiteren Kreis der Öffentlichkeit nur wenden, wer dazu berufen ist durch eine besonders bedeutsame Eigenart und Eigenweisheit oder auch als Diener hoher praktischer - religiöser, ethischer, juristischer u. a. Interessen. Die Wissenschaft aber ist unpersönlich. Ihr Mitarbeiter bedarf nicht der Weisheit, sondern theoretischer Begabung. Was er beiträgt, bereichert einen Schatz ewiger Gültigkeiten, welcher der Menschheit zum Segen gereichen muss”.

ressignificação da relação do filósofo com a história da filosofia, 2) a presença do reducionismo e do relativismo histórico e 3) o impacto na concepção de possibilidade do conhecimento humano como provido de valor absoluto e natureza científica aplicado à filosofia e à história como disciplinas, assim como, conseqüentemente, as ciências em geral. Aqui nota-se que a oposição do autor à perspectiva historicista e seu correlato da Filosofia do *Weltanschauung* está pautada pela redefinição do ideal de conhecimento dotado de conseqüências céticas que estabelece a relação com as produções intelectuais dos antepassados na forma de aceitação ingênua, a redução das ciências ao acontecimento da manifestação factual como realizações culturais isentas de valor absoluto ou providas apenas de valor relativo à época em que foram geradas e a negação da possibilidade de construção de conhecimento rigorosamente científico pela humanidade.

A crítica ao Historicismo e ao seu subproduto, a Filosofia do *Weltanschauung*, se volta para o efeito da relação da produção filosófica com o passado da disciplina em que a aceitação do conteúdo da produção anterior é substituída pela análise de mérito e retorno aos problemas.

Conforme a descrição da diferença entre a filosofia de natureza ideológica e de natureza científica, a construção da disciplina filosófica na segunda acepção cobra do pensador um rigor metodológico que lhe proíbe a adesão às conclusões de uma dada figura histórica justificada apenas pela credibilidade atribuída ao autor da sua produção (Husserl, 1987, p. 59-60). Na prática, essa postura cobra do filósofo uma resignificação da sua relação com a história da filosofia e com os conteúdos legados por seus predecessores que consiste no retorno aos problemas, às motivações e, de modo último, às coisas que inspiraram esses autores ao invés da incorporação ingênua do conteúdo das suas reflexões (Husserl, 1987, p. 60 - 61). Por meio desse enquadramento da relação do filósofo com a história da filosofia ainda seria possível resgatar o que há de inspirador na vida intelectual das figuras históricas sem entrar em conflito com a radicalidade inerente ao projeto científico da filosofia que exige a devida fundamentação (Husserl, 1987, p. 61 - 62). Seguindo a diretriz de radicalidade e de retorno às coisas mesmas e aos problemas que delas surgem, a fenomenologia é apontada por Husserl como caminho de realização do projeto de uma filosofia científica que inclui a radicalidade e o rigor metodológico desse ideal.

É certo que também precisamos de história. Não, evidentemente, à maneira dos historiadores, para nos perdermos nos contextos de desenvolvimento em que as grandes filosofias cresceram, mas sim para permitir que elas tenham um efeito sobre nós de acordo com o seu próprio conteúdo espiritual. [...] Mas não nos tornamos filósofos através das filosofias. Agarrar-se ao histórico, tentar fazer um tratamento histórico-crítico do mesmo e querer alcançar a ciência filosófica através de um

processamento eclético ou de um renascimento anacrônico: isso são apenas tentativas inúteis. O impulso para a investigação não deve vir das filosofias, mas das coisas e dos problemas. [...] Para aquele não preconceituoso verdadeiramente, é indiferente que uma observação tenha origem em Kant ou em Tomás de Aquino, em Darwin ou em Aristóteles, em Helmholtz ou em Paracelso (Husserl, 1987, p. 60 - 61, tradução nossa⁹).

Esse elemento de crítica à aceitação ingênua dos posicionamentos legados pela tradição encontra espaço ao longo do pensamento de Edmund Husserl em diferentes caminhos de reflexão em prol da radicalidade da investigação e contra-argumentos baseados em autoridade. O argumento contra a adesão ingênua aos conteúdos veiculados pela tradição se repete em *Meditações Cartesianas* fundamentado pelo intuito de fundamentação absoluta da filosofia cuja execução exige o seu começo no ponto de indigência de conhecimentos, estado ao qual se chega através do questionamento de todos os questionamentos prévios pelos quais aquele que reflete não consegue responder por meio de visões intelectivas que lhes sejam próprias (Husserl, 1950, p. 43 - 45). O questionamento da adesão cega às conclusões emitidas por antepassados é repetido na obra *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* que associa o movimento de análise crítica do legado da tradição ao movimento de busca do conteúdo espiritual inerente às produções intelectuais dos daqueles intelectuais que precedem o estágio atual da filosofia (Husserl, 1976, p. 5 - 8). Acerca dessa atividade de busca do sentido interno à produção filosófica dos antepassados, o procedimento indicado é que investigador deve tentar “penetrar na crosta dos “fatos históricos” exteriorizados da história da filosofia, questionando, demonstrando, testando seu significado interno, sua teleologia oculta”, afirma Husserl (1976, p. 16 - 17, tradução nossa¹⁰), tentativa que revela que “toda a filosofia do passado estava internamente orientada para esse novo sentido de filosofia, embora estivesse inconsciente disso”. Essas reflexões tardias acerca da relação do filósofo com a história da filosofia coincidem com *Filosofia como Ciência Rigorosa* ao manifestarem a manutenção da defesa da fundamentação radical dos conhecimentos filosóficos em contraste com a aceitação

⁹ “Gewiss bedürfen wir auch der Geschichte. Nicht in der Weise der Historiker freilich, uns in die Entwicklungszusammenhänge zu verlieren, in welchen die großen Philosophien erwachsen sind, sondern sie selbst, nach ihrem eigenen Geistesgehalt auf uns anregend wirken zu lassen. [...] Aber zu Philosophen werden wir nicht durch Philosophien. Am Historischen hängenbleiben, sich daran in historisch-kritischer Betätigung zu schaffen machen und in eklektischer Verarbeitung oder in anachronistischer Renaissance philosophische Wissenschaft erreichen zu wollen: das gibt nur hoffnungslose Versuche. Nicht von den Philosophien, sondern von den Sachen und Problemen muss der Antrieb zur Forschung ausgehen. [...] Dem wahrhaft Vorurteilslosen ist es gleichgültig, ob eine Feststellung von Kant oder Thomas von Aquino, ob sie von Darwin oder von Aristoteles, von Helmholtz oder Paracelsus herstamme. Es bedarf nicht der Forderung, mit eigenen Augen zu sehen, vielmehr: das Gesehene nicht unter dem Zwange der Vorurteile weg zu deuten”.

¹⁰ “Wir versuchen, durch die Kruste der veräußerlichten "historischen Tatsachen" der Philosophiegeschichte durchzustößen, deren inneren Sinn, ihre verborgene Teleologie, befragend, aufweisend, erprobend. [...] Es zeigt sich aber auch, dass auf diesen neuen Sinn von Philosophie die ganze Philosophie der Vergangenheit, obschon ihr selbst unbewusst, innerlich ausgerichtet war”.

ingênua das conclusões obtidas por pensadores anteriores independentemente do prestígio de suas teorias, a despeito da sua inclinação para a análise crítica do passado da história da filosofia para a compreensão do sentido da disciplina.

O segundo ponto relevante para esse artigo da crítica de Husserl no texto *Filosofia como Ciência Rigorosa* consiste no diagnóstico do reducionismo e do relativismo histórico intrínsecos respectivamente atribuídos ao Historicismo e à filosofia do *Weltanschauung*. Tratando da leitura historicista das instituições humanas, Husserl (1987, p. 43 - 44) aponta que inexistente diferenciação do que elas sejam enquanto fato do mundo humano e enquanto construções teóricas providas de valor objetivo, de tal maneira que instituições como a filosofia e as ciências são consideradas como meras realizações culturais derivadas da ação de figuras situadas em um contexto histórico que determina os conteúdos gerados e condiciona o valor dessas realizações. A caracterização da história como uma disciplina que lida com a esfera da facticidade não é pauta de questionamento para o fenomenólogo, mas, sim, a pretensão presente na perspectiva historicista de que com base na facticidade da dada instituição se julgue o mérito da validade das teorias empiricamente dadas enquanto método cientificamente justificado (Husserl, 1987, p. 46 - 47). Essa necessidade de responder pela realidade apenas a partir da esfera dos fatos é chamada na obra a *superstição dos fatos*, a qual se encontra presente no Historicismo e no Naturalismo e se manifesta na crença presente nessas vertentes de que ideias são como fatos ou mesmo na negação da relevância ou existência da dimensão ideal (Husserl, 1987, p. 56). Esse reducionismo histórico acerca da realidade que a restringe à esfera fática retira do seu horizonte a incompatibilidade da natureza do ideal com aquela dos fatos, resultando em uma espécie de relativismo histórico que será tratado a seguir.

O reducionismo presente no Historicismo serve de fundamento para o relativismo histórico intrínseco à Filosofia do *Weltanschauung* ao passo que se associa a simplificação da realidade ao horizonte da factualidade à interpretação dela a partir dessa factualidade histórica. Segundo Husserl (1987, p. 42), esse relativismo historicista aparece no pensamento diltheyano ao se afirmar que o desenvolvimento de uma consciência histórica conduz ao reconhecimento da relatividade como intrínseca à produção intelectual humana, sendo a ideia de valor absoluto atrelado a qualquer conjunto de conceitos sobre a realidade demonstração da ignorância sobre o caráter de contínuo progresso da realidade e do conhecimento acerca dela. Nas palavras de Dilthey, citadas por Husserl ao descrever o posicionamento historicista, “a validade absoluta de qualquer forma singular da constituição vital, da Religião e da Filosofia, desvanece perante o

olhar que abrange a Terra e todos os passados” (Husserl, 1987, p. 42, tradução nossa¹¹), passagem em que se nota que o fundamento do relativismo historicista diante das ciências do espírito reside na análise do passado dessas instituições em que se constata a inexistência de um sistema que tenha sido mantido como válido ao longo do tempo. Colaboram para a formação do relativismo histórico manifesto na Filosofia do *Weltanschauung* o reducionismo histórico e a má compreensão da competência dos estudos históricos característicos do Historicismo, respectivamente realizando uma simplificação da realidade restrita à facticidade histórica e um superdimensionamento da capacidade da história que fundamentam conjuntamente a conclusão sobre a impossibilidade daquilo que não se encontra faticamente manifesto (Husserl, 1987, p. 42 - 47). Aplicado às ciências do espírito, o Historicismo e a Filosofia do *Weltanschauung* em sua perspectiva reducionista que privilegia a facticidade e seu posicionamento relativista baseado no fundamento histórico negam a possibilidade de validade objetiva das ciências em geral e, em especial, das ciências do espírito.

Acerca do relativismo histórico presente na perspectiva historicista, destaca-se a relação mencionada entre o reducionismo histórico e a redefinição errônea das competências possíveis aos estudos da história como elementos associados para a chegada à conclusão relativista. Explicitando como o reducionismo intrínseco ao Historicismo pode conduzir ao relativismo histórico característico da filosofia do *Weltanschauung*, Carr (2014, p. 147 - 148) exemplifica como a redução das realizações humanas a sua dimensão histórica pode conduzir à definição incorreta do âmbito da história visto que os fatos em que a disciplina se baseia são chamados a responder por todas as questões relativas à esfera do espírito, inclusive àquelas que extrapolam a sua competência como as relativas à essência. Esse entendimento é ilustrado a partir da análise da religião em que, primeiro, segundo a perspectiva relativista histórica, se nota a determinação da instituição religiosa apenas pelas figuras e o momento da história de sua origem com a contextualização restrita à facticidade da religião tratada e, na sequência, com a aplicação da postura relativista após o reducionismo, se chega à conclusão de que essa instituição é portadora de um caráter de verdade relativo porque a determinação histórica que é fundamental para o conteúdo dessa instituição religiosa se transforma e, por conseguinte, os conteúdos dela precisam vir a ser atualizados (Carr, 2014, p. 148). Aplicado à filosofia, ainda que Hegel figure como a origem da interpretação da filosofia como expressão mais elevada de um período histórico, a presença da concepção de síntese como fechamento do ciclo de geração de novas visões-de-mundo afasta do seu pensamento o relativismo histórico, o último se encontra

¹¹ Vor dem Blick, der die Erde und alle Vergangenheiten umspannt, schwindet die absolute Gültigkeit irgendeiner einzelnen Form von Lebensverfassung, Religion und Philosophie.

presente na leitura diltheyana da história da filosofia enquadrada nos moldes relativistas da Filosofia do *Weltanschauung* em que, dada a ausência do ponto de síntese total, a disciplina é interpretada como continuamente em transformação a partir dos conflitos e das mudanças de direção faticamente constatados no passado da instituição (Carr, 2014, p. 149-150). Seria precisamente a constatação da impossibilidade da constituição de uma filosofia de valor absoluto cientificamente fundamentada com base no fracasso histórico de sua realização o aspecto que caracteriza o posicionamento representado por Dilthey como relativista.

[...] O naturalismo reduz tudo à natureza, o Historicismo reduz tudo ao histórico. O último pode ser menos extremo já que se restringe ao mundo humano da subjetividade, da sociedade e das criações intelectuais. [...] [No Historicismo] todas as formas da atividade humana, incluindo política, instituições sociais, arte, arquitetura, música e religião devem ser entendidas como emergindo das suas circunstâncias históricas e mudando historicamente. [...] Husserl não questiona esse ponto de vista como resultado de um entendimento histórico, mas ele acredita que ele tende a encorajar uma forma de relativismo histórico que vai além de conclusões puramente históricas. [...] A história da filosofia pode ser vista como uma série de construtos intelectuais, cada um afirma captar a verdade eterna. Husserl concorda com essa caracterização e conclui que nenhuma filosofia até o momento alcançou esse status. Contudo, depois de uma longa história de fracasso, parece plausível concluir que a série de afirmações irá continuar e que a meta elusiva da filosofia enquanto ciência rigorosa não é passível de realização. Aqui a linha entre o Historicismo e relativismo histórico é cruzada e a partir daí para o que Husserl chama “filosofia das visões de mundo” (Carr, 2014, p. 148, tradução nossa¹²).

O terceiro e último aspecto acerca da crítica ao Historicismo e à filosofia do *Weltanschauung* na obra *Filosofia como Ciência Rigorosa* consiste na ameaça dessas teorias à cientificidade como valor aplicado ao campo da filosofia e do conhecimento em geral. Conforme o título da obra, a produção de ensaios de viés crítico sobre novas vertentes da filosofia está embasada em um modelo estimado e ainda não realizado da disciplina que se guia pela cientificidade como via de respostas para as questões de natureza teórica mais radicais, assim como para aquelas questões que concernem ao direcionamento da vida humana segundo critérios racionais (Husserl, 1987, p. 3). No tocante ao Historicismo, como antecipado acima, o ideal de cientificidade se encontra explicitamente sacrificado parcial ou totalmente conforme a

¹² “Naturalism reduces everything to nature; historicism reduces everything to history. The latter may be less extreme in that it restricts itself to the human world of subjectivity, society, and intellectual creations. [...] All forms of human activity, including politics, social institutions, art, architecture, music, and religion, must be understood as emerging from their historical circumstances and changing historically. [...] And Husserl does not object to this view point as a result of historical understanding; but he thinks that it tends to encourage a form of historical relativism that goes beyond purely historical conclusions. The history of philosophy can be seen as a series of intellectual constructs, each claiming to grasp the truth for all time. Husserl can agree with this characterization, and asserts further that no philosophy has yet achieved the status it sought. But after such a long history of failure, it might seem plausible to conclude that the series of claims will continue, and that the elusive goal of philosophy as rigorous Science is unrealizable. Here the line is crossed between historicism and historical relativism, and from there to what Husserl calls “worldview philosophy.”

variante da aplicação do ceticismo histórico apenas ao horizonte das ciências humanas ou do conhecimento em geral (Husserl, 1987, p. 43-45). Passando à Filosofia do *Weltanschauung* enquanto *filha do ceticismo historicista*, a ameaça à cientificidade aplicada ao pensamento filosófico ocorre através da proposição de um novo conceito derivado da fundação da filosofia nas ciências particulares ou da declaração explícita de separação da filosofia do ideal científico em que a ideologia não pretende ser ciência (Husserl, 1987, p. 47 - 48), ou, ainda, pela confusão entre as motivações de natureza teórica e ideológica e da sobreposição dessas últimas às primeiras no pensamento historicista e naturalista que se apresenta como filosofia (Husserl, 1987, p. 52 - 54). Essa ameaça do Historicismo à cientificidade afeta também a possibilidade de conhecimento científico em geral, inclusive da própria história, dado o questionamento dos princípios fundamentais da produção de conhecimento científico (Husserl, 1987, p. 43). Na sequência, o texto se dirige ao impacto da adesão ao pensamento historicista na produção de ciência.

Para tratar da contradição por parte do Historicismo e do modelo de filosofia dele derivado do ideal de cientificidade defendido em *Filosofia como Ciência Rigorosa*, o texto retoma a definição apontada pelo autor nessa obra de como a filosofia se constitui como ciência.

A obra é iniciada apresentando a pretensão constante da filosofia de se constituir como uma teoria que responda simultaneamente pelos problemas teóricos mais radicais e pelas questões relativas ao ordenamento racional da vida humana, pretensão que permanece não efetivada mesmo em seu nível mais elementar da definição do sentido dos próprios problemas da filosofia para além da sua relação com as demais ciências (Husserl, 1987, p. 3). Nesse sentido, o fenomenólogo argumenta que a filosofia em seu estado atual não se configura como uma ciência imperfeita, mas, sim, como uma não ciência com o critério de que às ciências pertencem uma doutrina consolidada, ainda que em constante progresso, que permite a elas serem ensinadas e que proíbe no corpo delas a intromissão das opiniões e dos posicionamentos particulares (Husserl, 1987, p. 4 - 5). A despeito do estágio atual da filosofia não representar a realização total ou parcial de sua pretensão científica, Husserl (1987, p. 6-7) identifica na história da filosofia diversos momentos em que o ideal científico por meio de viragens decisivas nas quais os pensadores do presente realizam uma crítica da razão praticada pelos pensadores do passado e buscam reorganizar a filosofia por meio do estabelecimento dos verdadeiros inícios, problemas e método. Como explicitado acima, não é o Historicismo propriamente, mas a filosofia romântica de Hegel que rompe com a tendência científica da filosofia em sentido próprio por meio da sua adulteração ou do seu enfraquecimento com o abandono da crítica da razão.

Entre as tendências associadas à filosofia romântica de Hegel e sua ruptura com o ideal de cientificidade da filosofia, o Historicismo se apresenta como expressão do enfraquecimento desse ideal, embora de modo distinto da descaracterização do naturalismo. Husserl (1987, p. 6-7) diferencia o enfraquecimento do ideal científico da filosofia romântica, que se manifesta na justificação de cada filosofia em conformidade com o tempo histórico em que foi gerada, daquele promovido pelo Historicismo, o qual, partindo dessa mesma justificação, radicaliza-a ao ponto de questionar a possibilidade de uma filosofia de valor absoluto, defendendo, assim, uma leitura cética e relativista das possibilidades da própria filosofia. Enquanto ceticismo histórico, o Historicismo compromete o ideal de cientificidade da filosofia, pois sustenta que a constatação das transformações histórica refletidas no conteúdo dos sistemas filosóficos, enquanto manifestações fáticas da própria filosofia, fundamenta a conclusão de que é impossível atribuir-lhe um valor absoluto (Husserl, 1987, p. 42-43).

Conforme Ghigi (2006, p. 82-83), a divergência entre a perspectiva fenomenológica husserliana e a perspectiva historicista sobre a fundação das ciências humanas e da própria filosofia reside na possibilidade, ou não, de atribuir esse papel à história, tendo em vista a relatividade que lhe é inerente e a consequente impossibilidade de sustentar qualquer valor absoluto quando este se restringe à facticidade. Desse modo, o Historicismo compromete o ideal de cientificidade almejado pela filosofia ao reduzir a história da filosofia a um conjunto de realizações meramente culturais, destituídas de valor teórico universal, a partir do que se conclui, ainda, pela impossibilidade de que, no futuro, surjam filosofias no futuro dotadas desse valor.

Derivada da posição reducionista do Historicismo, a Filosofia do *Weltanschauung* em seu relativismo impõe desafios distintos para cientificidade da disciplina como a negação ou redefinição do ideal científico e a interpretação das realizações ideológicas como científicas. Manifestando a tendência de enfraquecimento do impulso da filosofia para a cientificidade característica do Historicismo, a Filosofia do *Weltanschauung* é apontada como orientada por um falseamento do conceito do que é científico na interpretação de que a cientificidade pode ser obtida por meio da fundamentação da filosofia nas ciências particulares ou por um afastamento da filosofia do valor de cientificidade com a valorização de um modelo de disciplina que não almeja ser ciência de rigor (Husserl, 1987, p. 47 - 48). Outra forma pela qual a Filosofia do *Weltanschauung* pode se caracterizar como ameaça ao desenvolvimento da filosofia como ciência de rigor seria a ausência de clareza sobre as motivações teóricas e ideológicas no processo de investigação filosófica, na qual não há separação do procedimento que visa obter conhecimento unicamente guiado pelo rigor científico e daquele que atende às

necessidades práticas movido por ideais ateóricos à revelia da cientificidade ainda que parcialmente (Husserl, 1987, p. 52 - 54). Bambach (1995, p. 39 - 40) destaca a dicotomia apontada pelo fenomenólogo entre *Wissenschaft*, ciência, e *Weltanschauung*, visão de mundo, em que a inclinação para um caminho na filosofia representa obrigatoriamente o desvio do caminho inverso, de maneira que apenas a negação total da perspectiva historicista e do modelo de filosofia a ele correlato poderia abrir o caminho para construção de uma filosofia rigorosamente científica. Nesse sentido, a Filosofia do *Weltanschauung* se contrapõe à realização do ideal de cientificidade nas análises filosóficas porque, por vezes, nega o valor da cientificidade para a disciplina e, por outras, identifica no seu procedimento guiado por motivações de origens situados no campo empírico, tais como as advindas das necessidades práticas e das inclinações morais, alheias aquelas encontradas no campo teórico, o caminho para obtenção da cientificidade.

Se isso for entendido como uma mediação, com a intenção de borrar a linha entre a filosofia da visão de mundo e a filosofia científica, devemos fazer uma ressalva; isso só pode levar a um amolecimento e enfraquecimento do instinto científico e exigir uma literatura pseudocientífica que carece de honestidade intelectual. Não há compromissos aqui, tão pouco aqui como em qualquer outra ciência. Não poderíamos mais esperar por resultados teóricos se o instinto de visão de mundo se tornasse onipotente e substituísse a natureza teórica por suas formas científicas. [...] Há apenas uma coisa a fazer aqui: que a própria filosofia da visão de mundo, com total honestidade, renuncie à sua pretensão de ser ciência e, assim, deixe - o que é, afinal, muito contrário às suas intenções puras - de confundir as mentes e impedir o progresso da filosofia científica. (Husserl, 1987, p. 58, tradução nossa¹³).

Em *Filosofia como Ciência Rigorosa*, a adesão à perspectiva historicista deriva em consequências céticas que atingem os princípios da construção de conhecimento científico em geral por meio da inclusão dessas verdades entre aquelas que são condicionadas historicamente.

Ao tratar das consequências do Historicismo, Husserl (1987, p. 43) aponta que nas suas versões mais extremas a perspectiva historicista suspende a validade objetiva não apenas das ciências humanas, mas das ciências em geral ao questionar a possibilidade de validade absoluta das ideias, inclusive daquelas relativas à produção de conhecimento científico tais como os de verdade, teoria e ciência. “As ideias de verdade, teoria e ciência perderiam, então, como todas

¹³ “Sofern dies als Vermittlung gemeint ist, dazu bestimmt, die Linie zwischen Weltanschauungsphilosophie und wissenschaftlicher Philosophie zu verwischen, müssen wir dagegen unsere Verwahrung einlegen. Es kann nur zu einer Verweichlichung und Schwächung des wissenschaftlichen Triebes führen und eine scheinwissenschaftliche Literatur fördern, der es an intellektueller Ehrlichkeit gebricht. Es gibt hier keine Kompromisse, hier so wenig wie in jeder anderen Wissenschaft. [...] Es gibt hier nur eins: dass die Weltanschauungsphilosophie selbst in voller Ehrlichkeit auf den Anspruch, Wissenschaft zu sein, verzichtet und damit zugleich aufhört – was doch sicher ihren reinen Intentionen zuwider ist –, die Geister zu verwirren und den Fortschritt der wissenschaftlichen Philosophie zu hemmen.”

as ideias, sua validade absoluta”, explicita o fenomenólogo sobre o impacto do Historicismo nos princípios intrínsecos à produção das ciências em geral, de maneira que não se poderia impedir que mesmo “os princípios lógicos da não-contradição se transformem em seu oposto” (Husserl, 1987, p. 43, tradução nossa¹⁴). Acerca da suspensão dos princípios intrínsecos à produção de conhecimento científico, Biemel (1968, p. 432) identifica que a discordância do fenomenólogo acerca da perspectiva historicista se concentra na distinção entre a verdade factual e a verdade fundamental que consiste na relatividade da histórica da primeira que engloba a visão de mundo considerada como válida em determinado período histórico e da segunda que não cobra a manifestação ou a adesão factual atual ou futura. Dessa maneira, o impacto do pensamento historicista e de seu correlato se estendem às ciências em geral por meio do questionamento da possibilidade de valor absoluto mesmo no campo dos princípios lógicos e epistemológicos que orientam a produção de conhecimento em geral.

Considerações finais

Em *Filosofia como Ciência Rigorosa*, o fenomenólogo descreve o Historicismo como uma interpretação da história guiada pela aplicação da teoria evolucionista à vida do espírito que reduz as realizações humanas ao horizonte factual e dotada de consequências céticas. Tocante à aplicação da teoria evolucionista à história, a perspectiva historicista deduz a partir da identificação das circunstâncias históricas como determinantes da produção de conhecimento e da constatação das transformações ininterruptas das circunstâncias históricas a permanente mudança inerente ao conhecimento humano e a impossibilidade de produção de enunciados de valor absoluto comprováveis a partir da análise da manifestação factual das ciências. Na descrição realizada pelo fenomenólogo sobre a perspectiva historicista se destaca também o posicionamento de reducionismo histórico em que a produção científica é simplificada nos termos de sua manifestação fática enquanto realização cultural que exclui o valor de verdade intrínseco ao conhecimento por ela produzido e questiona a possibilidade de validade absoluta. Complementarmente, o Historicismo é endereçado como perspectiva acerca da história que ultrapassa as capacidades dessa disciplina enquanto aquela que lida com a facticidade das realizações humanas ao deduzir a partir da manifestação factual das ciências questões acerca de verdade e possibilidade. A leitura na perspectiva historicista acerca das ciências humanas que a caracterizam como uma realização cultural provida de validade

¹⁴ “Die Ideen Wahrheit, Theorie, Wissenschaft würden dann, wie alle Ideen, ihre absolute Gültigkeit Verlieren [...] dass sich die logischen Prinzipien der Widerspruchslosigkeit in ihr Gegenteil verkehren.”

condicionada e transitória definida pelo contexto histórico a partir do qual elas são formadas dá origem ao modelo da *Filosofia do Weltanschauung*.

Considerando a descrição realizada pelo fenomenólogo da Filosofia do *Weltanschauung* como modelo filosófico decorrente da adesão à perspectiva historicista, o modelo de filosofia historicista é diferenciado daquele modelo científico rigoroso promovido pelo autor. Primeiramente, os aspectos que se destacam como diferentes entre os dois modelos de filosofia são as ideias de cientificidade e de validade almejadas por cada uma dessas propostas em que, de um lado, a sabedoria ideológica de origem historicista aparece como voltada para a fundamentação do seu caráter científico de modo derivado a partir do embasamento nas ciências particulares e para a defesa da validade de natureza condicionada, com a variante da época na qual dado conhecimento foi gerado e, de outro, a filosofia rigorosamente científica se apresenta como fundamentada de forma autônoma e radical em sua cientificidade e como promotora de conhecimento de validade absoluta para além da relatividade temporal. Ainda comparativamente, os dois modelos de filosofia se diferenciam por meio da finalidade, da motivação e da fundamentação que dirigem cada um dos seus esforços: a filosofia do *Weltanschauung* voltada para responder os problemas práticos de uma determinada época, pautada por motivações extra teóricas e satisfeita com respostas provisórias que não resistem à passagem do tempo e, de modo oposto, a filosofia científica, na acepção husserliana, orientada pelo objetivo de uma ciência absolutamente fundamentada que seja baseada em critérios unicamente teóricos que atinja resultados de valor absoluto. Assim, o principal objetivo da análise de Husserl acerca da Filosofia do *Weltanschauung* é a fundamentação da leitura de que esse projeto de filosofia não pode ser confundido com o desenvolvimento de uma filosofia rigorosamente científica.

A crítica de Husserl ao Historicismo e à Filosofia do *Weltanschauung* se estabelece a partir de diferentes frentes ainda que sua ênfase esteja dirigida ao impacto desse posicionamento na aplicação do ideal de cientificidade à filosofia e ao conhecimento humano em geral. Analisando a crítica realizada em *Filosofia como Ciência Estrita*, o fenomenólogo aponta a ressignificação do ideal da relação do filósofo com a história da filosofia e o posicionamento de reducionismo e relativismo histórico como pontos negativos do Historicismo e da Filosofia do *Weltanschauung* para além da crítica ao impacto que essas abordagens têm sobre o ideal de cientificidade. Considerando o principal eixo da crítica husserliana ao Historicismo e à Filosofia do *Weltanschauung*, o argumento classifica o afastamento da cientificidade na vertente de pensamento historicista enquanto enfraquecimento desse ideal por meio da sua alteração, extrapolação e negação em que a filosofia e as ciências em geral são afetadas desde a ausência

de clareza sobre os limites do procedimento científico e ideológico até a suspensão da validade dos princípios lógicos que orientam a produção de conhecimento. Quanto ao impacto da adesão à perspectiva historicista no campo filosófico, a filosofia se afasta da sua pretensão intrínseca à cientificidade como forma de obter respostas definitivas aos questionamentos teóricos e existenciais radicais da humanidade.

Referências

BAMBACH, Charles R. Heidegger, Dilthey, and the crisis of historicism. Cornell University Press, 1995.

CARR, David. *Experience and history: Phenomenological perspectives on the historical world*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

CASEMENT, William. “Husserl and the Philosophy of History”. *History and Theory*, v. 27, n. 3, p. 229 - 240, 1988.

GHIGI, Nicoletta. History as the Unveiling of the Telos. the Husserlian Critique of the Wel Tanschauungen. In: Logos of Phenomenology and Phenomenology of the Logos. Book Three: Logos of History-Logos of Life. Historicity, Time, Nature, Communication, Consciousness, Alterity, Culture. Dordrecht: Springer Netherlands, 2006. p. 79 - 90.

HUSSERL, Edmund. Briefwechsel. Band III: Die Göttinger Schule. Teil 6: Philosophenbriefe. Husserliana Dokumente, 1993.

_____. Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge. Husserliana I. Martinus Nijhoff: Den Haag, 1950.

_____. *Die Krisis der Europäischen Wissenschaften und die Transzendente Phänomenologie*. Husserliana VI. Martinus Nijhoff: Den Haag, 1976.

_____. Philosophie als strenge Wissenschaft. In: *Aufsätze und Vorträge (1911-1921)*. Husserliana XXV. Dordrecht: Martinus Nijhoff, 1987.

MORAN, Dermot. Husserl on relativism. In: *The Emergence of Relativism*. Routledge, 2019. p. 94-110.

TILLMAN, Mary Katherine. “Dilthey and Husserl”. *Journal of the British Society for Phenomenology*, v. 7, n. 2, p. 123-130, 1976.

Recebido em: 03/20/2025.

Aprovado em: 30/05/2025.